

MOVIMENTO
DE APOIO À ELEIÇÃO DE
**Maria de Lourdes
Pintasilgo**

Rua Luciano Cordeiro, 24 A/B
1100 LISBOA
Telef. 52 56 65

Intervenção da engenheira
MARIA DE LOURDES PINTASILGO
num encontro com jovens
apoiantes, que lhe entrega-
ram uma carta, em 15 de No-
vembro de 1985, Lisboa.

Fundação Cuidar o Futuro



MOVIMENTO
DE APOIO À ELEIÇÃO DE
Maria de Lourdes
Pintasilgo

Rua Luciano Cordeiro, 24 A/B
1100 LISBOA
Telef. 525665



Depois do que aqui foi dito de novo, de cativante, de arriscado também, e quando agora a Flor acabou a leitura da carta, eu senti mesmo a necessidade de darmos as mãos. Mesmo quando o cargo é personalizado, como é o de Presidente da República, esta afirmação de que nos damos as mãos é a afirmação mais forte da solidariedade e da possibilidade de que esse cargo não seja um isolamento...

É preciso esse dar as mãos, é preciso essa solidariedade, para que esse cargo, para que essa função, seja sempre a função fundamental da inovação, da imaginação e, ao mesmo tempo, da solidez das instituições que nos garantam a fácil movimentação neste mundo complexo em que vivemos.

Fundação Cuidar o Futuro

Diz a vossa carta, que para além da semelhança e da diferença, que queremos construir o comum. É natural perguntar como vamos construir o comum e o que penso, como candidata à Presidência da República, para construir o comum. Já provavelmente todos vós cresceram num universo de faz de conta, em que as coisas, em que as palavras, não correspondem aos actos, e em que os actos carecem de palavras que os justifiquem. Por isso, face ao faz de conta, eu quereria aprender convosco e pedir-lhes a solidariedade da espontaneidade nas relações, da clareza a dizer as palavras simples e complicadas ao mesmo tempo. Complicadas porque vêm do real que é o desemprego; que são as carências de habitação; que são interrogações enormes que tenho encontrado entre os jovens da vossa idade, tanto nas fábricas como nos campos, como nos meios suburbanos.

Dizem também na vossa carta que estamos sempre a inauguração do velho, e dou-vos as mãos nessa denúncia desse espectáculo, como se de cada vez recomeçasse o mesmo ciclo.



.../...

Quero aprender convosco esse risco sempre assumido e sempre continuado do novo, do que é diferente, do que é original, do que é outra maneira de estar, de ser, de ir, de nos colocarmos na sociedade em que vivemos. É próprio do que é novo começar a descobrir mun dos ignorados.

Em primeiro lugar, entendo a minha candidatura e a função presidencial como uma afirmação de que na vida tudo tem a ver com tudo. Deixemos para as pessoas de outros tempos - de outros tempos na idade e na mentalidade - a separação de campos, o "isto é assim, aquilo é de ^{que} outra maneira": entendamos a complexidade do mundo de hoje é uma complexidade que nos diz que não há nada que se possa isolar totalmente. É possível dizer que há soluções. Há soluções porque a complexidade não é uma fatalidade que cai sobre as nossas cabeças, a complexidade é um elemento verdadeiramente novo, é a civilização que não é

dos vossos pais, que não é dos vossos avós, é a vossa civilização que os mais velhos dizem a da irracionalidade.

Nessa altura perguntamos: é possível a governabilidade nesse contexto de irracionalidade e complexidade? Pois bem, há ciências que hoje dizem que sim, que é possível. É possível gerir a complexidade, e esse gerir não pode vir de esquemas cartesianos, antigos, vindos de outra época. Tem de vir de esquemas muito mais abertos, em que de facto, e volta a afirmar, tudo tem a ver com tudo: desde o gesto mais insignificante e aparentemente mais quotidiano até ao acto mais público, mais decisivo. Tudo está intimamente relacionado numa circulação imensa de vontade, de afecto, e de pensamento.



.../...

É por isso que não é possível, hoje, responder com cha
vões aos problemas que ninguém pode ou ninguém sabe como
resolver. É preciso responder aos problemas assumindo
essa complexidade, com a certeza de que estamos sempre cir
culando num mundo que é uno. Um mundo que é um sistema
quanto aos problemas.

O trabalho tem a ver com os tempos livres, mas tem também
a ver com a possibilidade de criação, tem a ver com o
estudo, tem a ver com as condições económicas, tem a ver
com as condições de habitação. Gostei que a Claudia
tivesse dito que a carta que me foi entregue e que acaba
de ser lida foi subscrita por alguém que ainda não tem
idade para votar, porque tenho ~~aa~~ visto ao longo destas
semanas tantos jovens, talvez um pouco mais novos que
vós, sentados dentro do que se chama eufemisticamente
a casa, mas onde não há luz, não há nada. Sentados ~~sem~~
sequer numa mesa porque não há mesa para trabalhar, a
tentar fazer o trabalho de casa. Pergunto-me: então o
que é que isso quer dizer, o insucesso escolar ?

Não é o insucesso escolar o insucesso da geração mais
velha ? O insucesso dos políticos ? O insucesso daque
les que tem obrigação de garantir aos jovens e às
crianças uma vida diferente 6 Não, não há insucesso esco
lar. Há condições sociais e económicas aberrantes, desu
manas e injustas. Os problemas estão assim todos inter
ligados, não só interligados em termos de temática, em
termos do seu contorno bem real e bem concreto que nós
podemos agarrar. Os problemas estão ligados através dos
seus actores, isto é, dos sujeitos, de quem intervem
nos problemas, quem está no coração dos problemas, e por
isso não posso deixar de vos dizer dizer que estou em sinto
nia convosco, não posso deixar de vos dar as mãos, como

MOVIMENTO
DE APOIO A ELEIÇÃO DE
**Maria de Lourdes
Pintasilgo**

Rua Luciano Cordeiro, 24 A/B
1100 LISBOA
Telef. 525665



vocês me dão as vossas, para dizer que os problemas juvenis são problemas nacionais e que não há por um lado os jovens e por outro lado os adultos e que o mundo não é só dessa qualidade a que chamamos adultos. Estive na Amadora a semana passada e falei com jovens de 16,18 anos, operários e numa pequena terra do distrito de Braga e falei com agricultores de 14,16,18 anos que trabalham a terra de manhã à noite, e os problemas que eles põe são problemas de todos nós, são problemas da estrutura nacional, são problemas, ao fim e ao cabo, da grande interrogação que nos é posta: o que é que queremos e desejamos para o nosso país ?

Ao dizer isto é evidente que afirmo logo em segundo tempo que se os problemas juvenis são problemas nacionais, eles têm também a sua autonomia porque são vividos pelos jovens, e cada problema ao ser vivido pelo sujeito que o exprime só pode começar a ter solução nesse sujeito. Os problemas da juventude não são problemas que alguém pode resolver por fora. Os problemas da juventude são antes de mais problemas que aos jovens cabe equacionar, que aos jovens cabe ajudar a resolver, pela sua própria participação. Neste sentido, então para que serve o Presidente da República ?

Julgo que talvez para três aspectos fundamentais no que nos diz respeito. É certo que o Presidente da República é, no edifício constitucional português, o garante de um quadro de valores e de um quadro de instituições, isso porque a vida em sociedade é feita continuamente dessa interacção entre uns e outros, entre valores e instituições, e quando digo valores e instituições não estou a dizer nada de estático e definitivo, acente de uma vez por todas; quando digo valores, digo não só aqueles que constituem a nossa identidade nacional, mas digo também



os valores que cada geração traz à superfície. Cada geração descobre o veú da nossa realidade. O progresso não é tanto a conquista de novas tecnologias, o progresso é sobretudo a descoberta de novos mundos humanos, essa possibilidade de cada geração trazer de novo às gerações que já povoam o planeta, uma outra forma de olhar a realidade, uma outra maneira de dizer as coisas, um outro repartir o pão e construir a cidade.

Quando digo que o Presidente da República é um garante do quadro institucional não estou a pensar num quadro feito de uma vez por todas, rígido. Estou a dizer que há instituições que são feitas não para se perpetuarem a si próprias, mas que as instituições são feitas para os homens, são feitas para os jovens e não os homens ou os jovens feitos para as instituições. Por isso, enquanto candidata à Presidência da República, ao assumir essa promessa de ser garante de um quadro institucional, não é para servir as instituições, é para servir os portugueses, os homens e as mulheres, os jovens rapazes e raparigas.

Sinto que a vida brota da cultura, como diz o velho mestre para muitos de nós, o velho Professor Paulo Freire; a cultura o que é? É o acrescentamento que cada um de nós faz ao mundo que não fez. Por isso a cultura é tudo, desde o grande pensamento até à actividade aparentemente mais rotineira e mais insignificante. Esse acrescento de cada momento, de cada instante, de cada hora, é a Cultura, e essa cultura tem tantas expressões quantas as nossas realidades humanas e diferenciadas. Por isso, para mim não só a cultura é importante como logo a seguir tenho de dizer como reside a cultura nesse imenso valor da pessoa humana; não na pessoa humana catalogada em ideologias ultrapassadas, ou traduzida em números sem set

.../...



Rua Luciano Cordeiro, 24 A/B
1100 LISBOA
Telef. 523665

sentimento e sem conteudo,mas sim na irredutivel perso-
nalidade de cada um. Nenhum de nós pode ser, como são
os nossos politicos, facilmente trocável por outro,
cada um de nós é irredutível ao outro e é dessa espanto-
sa alternidade que nasce o Amor. É só ai que nasce o amor,
porque a semelhança que nos liga, essa semelhança da nossa
condição humana, ela é imediatamente atravessada pela erup-
ção, por essa fantástica imaginação do outro, o outro que
é tão diferente que nunca poderemos ser igual a ele.

Podemos ser, segundo as leis, sem dúvida, mas na nossa
realidade presente, viva, autêntica, nessa realidade, sa-
bemos que somos diferentes e tanto mais capazes de cons-
truir alguma coisa quanto mais a nossa diferença se
afirma. É o mundo assim, feito dessa diferença, que nós
todos queremos construir, nesse valor irredutível de cada
um, que está presente a dignidade da pessoa humana.

A minha candidatura à Presidência da República envolve
e supõe a capacidade de cada um contribuir não só para
resolver os problemas, mas logo à partida para os equa-
cionar. O facto de sermos, hoje, um movimento neste país
que toca a todas as gerações em que estão empenhadas
milhares de pessoas, em todos os concelhos do país, sem
excepção, novos e velhos, homens e mulheres, de todas as
condições sociais, isso significa que essa capacidade es-
tá presente no nosso povo e é porque somos capazes e fomos
até agora todos nós em conjunto, pelo trabalho muitas ve-
zes difícil, pelo "partir pedra", como vocês dizem, até
altas horas da noite, porque somos capazes de fazer, pode-
mos dizer que esta candidatura é verdadeiramente indepen-
dente, porque constroi algo de novo.

E a terminar, haverá com certeza ai algumas pessoas, não

